
VOZES MÚLTIPLAS QUE ECOAM A INFÂNCIA

MULTIPLE VOICES THAT ECHO CHILDHOOD

VOCES MÚLTIPLES QUE HACEN ECO A LA INFANCIA

Eleonora das Neves Simões¹, Romilson Martins Siqueira², Rodrigo da Paixão Pacheco³

RESUMO

Trata-se de uma resenha crítica do livro *A aula como produção de conhecimentos: interlocuções com a Sociologia da Infância*.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia da Infância; Infâncias; Aula

ABSTRACT

It is a critical review of the book “A aula como produção de conhecimentos: interlocuções com a Sociologia da Infância”.

KEYWORDS: Childhood Sociology; Childhoods; Classroom

RESUMEN

Es una revisión crítica del libro “A aula como produção de conhecimentos: interlocuções com a Sociologia da Infância”.

PALAVRAS-CLAVE: Sociología de la infância; Infancias; Aula

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; BATISTA, Eduardo Pereira; SILLER, Rosali Rauta (orgs.) *A aula como produção de conhecimentos: interlocuções com a Sociologia da Infância*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2022. 190 p.

¹ Doutora em Educação - Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, RS - Brasil. Especialista em Educação Infantil - Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Londrina, PR - Brasil. Professora de Educação Infantil - Prefeitura Municipal de Rio Grande (PMRG). Rio Grande, RS - Brasil. **E-mail:** noransimoes@gmail.com

² Pós Doutor em Educação - Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO - Brasil. Doutor em Educação - Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, GO - Brasil. Diretor - Escola de Formação de Professores e Humanidades - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS). Goiânia, GO - Brasil. **E-mail:** romilson@pucgoias.edu.br

³ Doutorando em Educação - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS). Goiânia, GO - Brasil. Mestrado em Serviço Social - Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GOIÁS). Goiânia, GO - Brasil. **E-mail:** adm.rodriagopp@gmail.com

Submetido em: 30/06/2023 - **Aceito em:** 15/09/2023 - **Publicado em:** 17/06/2024

Outro dia, na cafeteria, uma menina conversava com seu pai. Os dois, sentados à mesa, desvendavam o mundo juntos. A cada pergunta daquela pequena, o homem titubeava, mas buscava modos de responder às curiosidades dela, ao mesmo tempo em que lhe apresentava como as coisas do mundo funcionam. Uma de suas perguntas era: “quando não existiam as cores, como as coisas eram?”. O pai respondeu: “As cores sempre estiveram aí”. Talvez a menina falasse do pigmento que dá cor às coisas do mundo, mas talvez sua curiosidade se estendesse para a origem do nome de cada cor, ou, ainda, falasse do momento no qual percebemos que as coisas têm cores. Fato é que outros adultos que estavam na cafeteria espichavam o olhar e os ouvidos para acompanhar o diálogo de pai e filha, protagonizado por uma menina curiosa de cabelos longos e pretos. Despiram-se de si e colocaram aquela no centro de suas atenções perceptivas.

A infância enquanto centro das atenções perfaz também o conjunto da obra ora resenhada, tal como apontado por Carolina Catini, logo nas primeiras linhas do livro no seu prefácio. Escrito a muitas mãos, o livro *A aula como produção de conhecimentos: interlocuções com a Sociologia da Infância*, organizado por Ana Lúcia Goulart de Faria, Eduardo Pereira Batista e Rosali Rauta Siller, traz ao longo de suas páginas a contribuição intelectual de docentes e discentes às questões da infância. Estes/as participaram da disciplina “Sociologia da Infância”, ministrada na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UNICAMP, em 2021, organizada pelas professoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves da Silva. A obra foi selecionada no “Edital de Publicação 2021-2022, especial 40 anos” da Editora da UNICAMP. Em *femenagem* à já saudosa professora Lisete Arelaro constitui-se como esforço coletivo de (re)existir. Reproduzimos aqui a dedicatória feita por Ana Lúcia, Rosali e Eduardo:

Dedicamos *in memoriam* esta coletânea à nossa saudosa amiga Lisete (Lisete Regina Gomes Arelaro), mulher, mãe, avó, feminista, guerreira, militante, pesquisadora, intelectual, Professora Emérita da Faculdade de Educação da USP, uma das grandes educadoras deste nosso país, que partiu há um ano, em doze de março de 2022. Deixou um grande legado, a coragem, a insistência e a teimosia na luta contra as desigualdades e injustiças sociais em decorrência de políticas públicas nefastas implementadas em nosso país, em especial nos últimos anos, para que a democracia no Brasil possa renascer. Seguimos sua luta militante e socialista em defesa de um mundo melhor, mais justo, mais humano para todas as pessoas. Em suas palavras: “Depende de nós, depende de nossas lutas, depende de nossa militância, depende de nossa coragem.” Lisete vive e está presente entre nós, nas lutas e resistências.



FIGURA 1 - Lisete Arelaro em aula pública durante greve na USP.
Fonte: Imagem cedida por Camila Arelaro.

O livro consta de uma “Apresentação”, de autoria das organizadoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Rosali Rauta Siller e do organizador Eduardo Pereira Batista, e outros nove capítulos: 1. “Filosofia da infância, entre tempo e política: do governo ao não governável”, de autoria de Silvio Gallo; 2. “A educação entre o trabalho, a obra e a ação: uma contribuição arendtiana da filosofia da educação para a Educação Infantil”, de Eduardo Pereira Batista; 3. “Uma colagem de “imagens” das relações entre infância, caráter e destino”, de Antônio Miguel; 4. “Infância e políticas públicas: diálogos com contribuições de Michel Foucault”, escrito por Maria Renata Alonso Mota e Gisele Ruiz da Silva; 5. “Participação das crianças na luta de classes e possibilidades de uma educação emancipatória desde a creche”, de Elina Elias de Macedo; 6. “Infâncias e Mulheres do luto à luta: perversidades estruturais, pedagogias descolonizadoras e poéticas da resistência”, de autoria de Adriana Alves da Silva; 7. “Os efeitos da colonialidade na educação das crianças manauaras: quando a violência recrudescer sobre a vida das mulheres e crianças”, de Vanderlete Pereira da Silva; 8. “Aprendizagem de desaprender” em rodas de conversas com as sabedorias indígenas: construindo outros jeitos de estar com as crianças”, de Mirian Miroca Lange Noal e 9. “Notas sobre infância, deficiência e interseccionalidade: por uma pedagogia aleijada desde a Educação Infantil”, de Fernanda Cristina de Souza.

Organizado a partir do debate com a Sociologia da Infância, os capítulos desse livro se articulam no desvelamento da trama proposta pelo título, ampliando-se o sentido da sala de aula como múltiplos espaços, nos quais se dão a resistência, a renovação e a existência. Busca-se, com isso, dar visibilidade aos temas da infância, a fim de se desviar do mundo

adultocêntrico e dos processos escolarizantes. Nessa perspectiva, o livro aborda o tema das culturas infantis em tempos e espaços distintos e plurais: um tempo *aiônico* e recursivo que não se finda, e no qual a infância se recoloca no contexto das relações humanas e sociais. É nesse espaço-tempo que a alteridade ganha centralidade no livro, e se constitui como imprescindível para pensar o lugar da linguagem, das interações, da história, do pensamento, do conhecimento, do currículo, da escola.

O livro nos convida a conhecer outras epistemologias que podem interrogar a própria história da infância, e “refletir criticamente o passado à luz do presente”. O sentido ampliado da aula passa pela experiência do pensamento, pela produção do conhecimento e, acima de tudo, pela emancipação humana. Os temas tratados no livro marcam a infância como temporalidade sócio-histórica e as políticas da infância como formas de gestão não só do tempo da vida, como também dos processos educativos. A infância não tem em si uma temporalidade cronológica; é espaço de *polis*, de acontecimentos, de liberdade, de democracia e de afirmação política e protagônica da criança. Se a sociedade se ocupou em regular, governar e normalizar a infância, o livro em questão nos conduz a pensarmos outras políticas da/para a infância, que devem se dar pela análise crítica da vida e pela problematização da realidade. É preciso, portanto, uma política da infância como forma de desnaturalização dos exercícios de poder adultocêntricos sobre as crianças. O livro nos faz a pergunta: “Que tipo de racionalidade governamental é posta em funcionamento por meio de políticas públicas que visam orientar nossas ações junto às crianças?”. Enfim, a leitura dos capítulos provoca os/as leitores/as a compreenderem a criança no contexto das contradições de classe, exploração econômica, violências contra negros/as, mulheres, indígenas, mas, acima de tudo, de assujeitamento das crianças e suas infâncias. Descolonizar discursos, romper com estereótipos, buscar a interseccionalidades nas/das coisas são aspectos que nos fazem recuperar uma outra infância, com jeitos de “ser, agir e viver” sua potência criativa.

No “Prefácio”, Catini anuncia o tom dos escritos que seguem. Destaca que a centralidade na infância compõe um desvio que perfaz os pensamentos, ações e escritos de pensadores/as que consideram as crianças “pelo presente em que elas vivem e modificam” (p. 09).

Após, na “Apresentação”, autoras e autor apresentam os modos pelos quais os encontros produziram-se em livro: pandemia de COVID-19, contexto político reacionário, aula como acontecimento e experiências de pensamento. Essas, talvez, sejam as palavras que definem a relação entre os/as docentes e discentes ao longo da disciplina “Sociologia da Infância”, e que se convertem em obra coletiva.

No primeiro capítulo, Silvio Gallo nos convoca a pensar o governo e não governo da infância desde a Filosofia. Argumenta que as crianças, desde a modernidade, são enviadas a instituições que pretendem governá-las, e questiona se seria possível pensar a infância fora da lógica da tutela. A partir do diálogo com os escritos de Catherine Malabou, conduz a pensar a infância como ingovernável, em uma experiência de nos repensarmos enquanto adultos/

as e de outras possibilidades de invenção do mundo.

Eduardo Batista, no segundo capítulo dialoga com os escritos de Hannah Arendt para movimentar nosso pensamento e nossa responsabilidade frente/com as crianças. Seu escrito questiona qual mundo apresentamos às crianças enquanto educadores e educadoras.

Escrito por Antônio Miguel, o terceiro capítulo produz “uma *investigação terapêutica* do problema das relações entre os conceitos de “caráter” e de “destino” (p. 58)”, por meio de uma composição textual e imagética. O autor convida o leitor a perfazer de modo filosófico caminhos múltiplos, sem o intuito de persuasão, mas significar a partir de si próprio os modos pelos quais “caráter” e “destino” afetam e produzem imagens de infância e pedagogia.

No quarto capítulo, Maria Renata Alonso Mota e Gisele Ruiz da Silva, dialogam com o filósofo Michel Foucault, para pensar a temática da infância e políticas públicas. Evidenciam que “os discursos em torno das infâncias são construções históricas, inventadas na modernidade como estratégia de organização e ordenação da sociedade que emerge” (p. 118), num exercício de desnaturalização do modo pelo qual pensamos e articulamos a temática do texto: infância e políticas públicas.

Elina Elias de Macedo, no quinto capítulo, busca, por meio do diálogo entre os escritos de Walter Benjamin e da Sociologia da Infância, abordar “a participação política da infância sob a ótica da luta de classes” (p. 122). Convoca a pensar na ausência das crianças nos espaços públicos e seu confinamento como modos excludentes de sua participação nos processos decisórios.

O capítulo seis, de autoria de Adriana Alves da Silva, tem como proposta interlocuções “em torno das infâncias, feminismos plurais e estudos decoloniais, a partir de um percurso de pesquisa e criação, abordando a temática da cultura da violência, em uma perspectiva de análise interseccional, considerando o nó-frouxo (SAFFIOTI, 2015), que ata capitalismo-patriarcado, enredando classe, sexismo e racismo” (p. 132).

Vanderlete Pereira da Silva apresenta no capítulo sete um recorte de sua pesquisa de doutorado. A partir dos modos pelos quais as mães manauaras cuidam e educam as crianças, bem como da história dessas mulheres, e evidencia as marcas da colonialidade, e convocando a um amplo processo de reflexão e reconstrução de nossos alicerces na desconstrução da subalteridade e inferioridade das mulheres negras e indígenas.

O oitavo capítulo de autoria de Mirian Miroca Lange Noal aborda o modo pelo qual “as crianças indígenas convidam todas as crianças para cirandas de contação de histórias e de alegrias, que potencializem a vida com a natureza e as diferentes culturas, na compreensão de que somos unicidade e corresponsáveis pelo universo” (p. 177).

Finalizando a obra, Fernanda Cristina de Souza, no nono capítulo, traça “considerações acerca da infância e deficiência em articulação com as categorias de classe, raça e gênero, à luz dos estudos de interseccionalidade” (p. 181). O texto questiona a corponormotividade da educação, propondo uma “pedagogia aleijada desde a Educação Infantil,” a fim de descolonizar as concepções normativas que (per)fazem modos de ser, estar e pensar as crianças com deficiências nas políticas e nas práticas pedagógicas nas salas e instituições de Educação Infantil.

O livro, enquanto coletânea, tem uma escrita fluida, ao mesmo tempo que múltipla. Modos outros de escrita, modos outros de docência e discência que nos colocam em relação outra com as infâncias. É uma leitura importante para acadêmicos/as de cursos de formação de professores/as que irão trabalhar com as infâncias, mas também em cursos de Pós-graduação, uma vez que perfaz caminhos múltiplos e dançantes entre Estética, Filosofia, Sociologia e Pedagogia, convocando ao duplo movimento entre pensamento-ação.

Revisão Gramatical realizada por: Wilma Rigolon

E-mail: wilma.rigolon@gmail.com